

**DOSSIÊ**

**Rio, 460 anos de cultura**  
**Vol. 1:**  
**Cultura letrada, espaços de**  
**leitura e identidades**



# **Apresentação**

## **Pedro Paiva Marreca**

Cientista político e historiador, doutor pelo IESP-UERJ, mestre em História Social da Cultura pela PUC-Rio. Diretor do Centro de Ensino e Pesquisa do AGCRJ, edita a revista acadêmica da instituição e coordena a pós-graduação em História, Política e Sociedade (AGCRJ-IESP/UERJ). Publicou os artigos “Guerreiro Ramos: epistemologia periférica, pensamento político brasileiro e revolução brasileira (1953–1964)” (2023) e “A social-democracia de Celso Furtado: desenvolvimento, bem-estar social e democracia (1950–1964)” (2025).

## **Luciene Carris**

Doutora em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com estágios de pós-doutoramento em História da Cultura pela PUC-Rio e em Geografia Política pela USP. Sócia do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro (IHGRJ) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Gerente do Centro de Ensino e Pesquisa do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ).

O primeiro volume do dossiê “Rio, 460 de Cultura”, intitulado “Cultura letrada, espaços de leitura e identidades”, reúne pesquisas originais que revelam a diversidade das práticas culturais que marcaram a cidade ao longo de seus 460 anos de história. Os artigos aqui publicados abordam trajetórias, espaços de leitura, diversas formas de sociabilidade, assim como a circulação de saberes e a cultura letrada, que contribuíram para reafirmar a importância da cidade do Rio de Janeiro como lugar de criação e de transformação sociocultural.

O texto de estreia é de Andréa Cristina de Barros Queiroz, que apresenta a trajetória de Millôr Fernandes, do subúrbio do Méier à Copacabana, revelando um personagem profundamente ligado à “cultura do carioquismo”, num período em que o Rio projetava a ideia de vitrine da Nação. A seguir, Monique Sochaczewski apresenta um esboço biográfico de Dalva Gasparian e a criação da Livraria Argumento no Leblon, em 1979, destacando a sua inserção no ambiente político e cultural das décadas de 1960 e 1970, bem como a sua projeção em novelas e no filme vencedor do Oscar *Ainda Estou Aqui*.

Paulo Roberto Gentil Leal, por sua vez, analisa a atuação da Livraria Folha Seca e suas estratégias para construir uma imagem diferenciada no cenário editorial do Rio de Janeiro, situando-a no campo das livrarias independentes e ressaltando seu papel na preservação da bibliodiversidade e na mediação de experiências culturais que reforçam pertencimentos coletivos, estabelecendo a sua condição de uma livraria carioca. Os guias de turismo publicados entre 1904 e 1922 foram alvo da pena de Amanda Danelli Costa, que demonstra como essas publicações contribuíram para a construção e a transformação da imagem turística da cidade durante o período analisado. Já a investigação de Marcelo Domingues examina como a Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro, entre 1874 e 1889, se integrava à vida cultural da cidade, constituindo-se como um importante espaço de promoção da leitura.

Em seguida, Olivia Robba examina o impacto cultural da passagem do cometa de 1843 e as atividades do Imperial Observatório do Rio de Janeiro, revelando como as principais teorias científicas em voga no Velho Continente já circulavam desse lado do Atlântico. O artigo de Denise G.

Porto apresenta a contribuição da escritora inglesa Maria Graham, que esteve no Brasil entre 1821 e 1825 e, atenta ao cotidiano urbano carioca, documentou tanto a rotina dos escravizados de ganho quanto a da comunidade quilombola do Vale das Laranjeiras. Na sequência, Guilherme Chalo e Caio Cidrini retomam a obra de Francisco Guimarães, o Vagalume, valorizando as práticas culturais de seu meio racial e social como raro homem negro nas redações cariocas da Primeira República e demonstrando como seu legado repercute até hoje no enredo “Ecos de um Vagalume”, da Escola de Samba Acadêmicos de Vigário Geral.

O artigo de Rômulo Mattos analisa a memória de Sete Coroas, “um ‘criminoso’ que ganhou fama no início da década de 1920”, cuja imagem oscilava entre a tentativa da imprensa de “apagar a fama de ‘valente’” e a tradição oral que o preservava como “malandro” temido. Morador do Morro da Favela, território visto como das “classes perigosas”, sua notoriedade evidencia uma disputa de memórias entre a imprensa e o imaginário popular. Em seguida, Giselle Pereira Nicolau examina a presença francesa no Rio oitocentista, revelando como professores franceses atuavam em áreas como música, línguas, desenho e dança, exercendo influência que se traduzia em práticas pedagógicas, institucionais e curriculares fundamentais para o desenvolvimento educacional da cidade. Logo após, Claudia Corrêa Dantas e Ilda Marques de Andrade apresentam o acervo documental da Igreja Evangélica Fluminense, fundada em 1858 e preservado no Centro de Memória Viva/Biblioteca Fernandes Braga, destacando a valorização e a necessidade de preservação desse importante patrimônio cultural.

Além dos artigos, Luiza Gasparelli, Jaiane Alves e Ketely Silva analisam uma fonte primária sob a guarda do AGCRJ: a minuta do discurso do prefeito Marcello Alencar proferido durante o Fórum Global 92.

Boa leitura.

Pedro Marreca  
Luciene Carris  
Editores da Revista do AGCRJ